

FIORIN, José Luiz (Org.) *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2013, 206 p.

Lucas Calil

Experiência na missão de fazer da Linguística um objeto de estudo atraente e acessível, José Luiz Fiorin põe à disposição dos interessados – sejam alunos de Letras, estudantes de áreas afins e curiosos em geral – um novo e atualizado manual de introdução aos estudos de linguagem. E, como sempre, com a preocupação em suscitar prazer na imersão nos conceitos fundamentais de uma ciência que se desenvolveu e se ramificou, sobretudo, no século XX. Com *Linguística? Que é isso?*, lançado no país em maio passado pela editora Contexto, Fiorin – e quatro professores articulistas – recupera questões já abordadas em manuais anteriores, em especial nos dois volumes de *Introdução à Linguística*¹ (organizados por Fiorin, da mesma editora), e propõe uma divisão precisa das principais noções e correntes linguísticas que ganharam luz e forma a partir das escolas histórico-comparativas, na segunda metade do século XIX. Tradição da qual parte para fazer a expansão da Linguística e apresentá-la por intermédio de cinco grandes objetos científicos: a língua, a competência, a variação, a mudança e o uso.

Logo no prefácio, sem quaisquer cerimônias, Fiorin abre a discussão sobre a Linguística com ponderações acerca de um assunto recente e ainda polêmico no Brasil: a indicação, por parte do Ministério da Educação (MEC), nos últimos dois anos, de livros e cartilhas de estudo que abordam o falar coloquial em dissonância com os padrões rígidos da norma culta (e de seus defensores). E defende uma visão imparcial sobre os atos de linguagem, até porque, segundo o autor, o propósito da Linguística é outro: “o mistério da epifania da palavra” (FIORIN, 2013, p. 8). Fiorin, inclusive, atualiza o propósito do livro e situa o leitor com precisão ao lançar mão de artigos jornalísticos recentes que analisam (e desprezam de forma pouco velada) as escolhas do MEC. Também mostra

¹ FIORIN, José Luiz. *Introdução à Linguística I. Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2004 e FIORIN, José Luiz. *Introdução à Linguística II. Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2004.

como, com inflamadas vozes, os críticos da Linguística acusam-na de leniência no ensino do português de acordo com as regras gramaticais vigentes.

É a partir dessa (sempre atual) problemática que Fiorin esclarece e elenca os objetivos de *Linguística? Que é isso?*: “Este livro nasceu com o propósito de explicar o que é a Linguística” (FIORIN, 2013, p. 8), define o autor, sintético e preocupado com a ausência de conhecimento das minúcias dos estudos de linguagem – ausência que, segundo o autor, leva a uma enxurrada de definições “ignorantes” sobre a ciência. Tanto que, em oposição aos nomes de seus outros manuais, que adotavam um padrão mais formal, Fiorin estabelece com o leitor, de imediato, uma relação casual e convidativa, que seduz com uma pergunta, logo na capa. O título resume com precisão o enfoque dado à Linguística no livro (e aos diferentes conceitos apresentados).

A preocupação com a quebra de preconceitos e paradigmas sobre os usos e as atribuições da Linguística norteia o livro de Fiorin, que se esmera em respeitar e incorporar, com evidente cautela, exemplos da linguagem coloquial (e de suportes coloquiais, como a publicidade) e da norma culta. Emprega *jingles* de campanhas públicas ao lado de versos de Manoel de Barros; contrapõe artigos da imprensa a reproduções de narrativas fantásticas, como os clássicos infantis *Alice no país das maravilhas*² e *As viagens de Gulliver*³. Ambos já haviam sido recordados pelo autor no livro *Introdução à Linguística I*: juntam a simplicidade da prosódia de fábulas com a complexidade que o assunto exige – e ajudam muito a ilustrar ideias abstratas sobre a linguagem. Todavia, não invade o cânone de obras acadêmicas e respeita as normas da modalidade culta da língua portuguesa; zela até pela exata adesão ao acordo ortográfico mais recente, promulgado em janeiro de 2009. Faz a simbiose linguística que defende no prefácio: a da rejeição a estereótipos e críticas precipitadas aos falares da sociedade.

No primeiro capítulo, Fiorin inaugura a argumentação sobre os aspectos seminais da Linguística com um preâmbulo conciso, que propõe e responde perguntas: fala brevemente sobre a gênese da preocupação com a linguagem – e explica que é uma condição inerente à humanidade, dependente de se comunicar; depois, faz um panorama histórico das visões sobre a linguagem

² CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

³ SWIFT, Jonathan. *Viagens de Gulliver*. São Paulo: Companhia das Letras e Penguin, 2010.

e envereda pelas funções básicas da comunicação (as seis do modelo proposto por Roman Jakobson), detalhando com rápidos estudos de caso de que forma a linguagem é não só um instrumento de interação e inclusão social, mas de interpretação e percepção do mundo exterior, além de um eixo de expressão de paixões, ações e sentimentos. Ao fim, estabelece a Linguística como ciência – justamente por não se inquietar com acertos e erros, mas com aspectos descritivos e explicativos. E faz um paralelo com outras áreas do conhecimento:

“A Linguística é uma ciência porque ela, ao contrário da gramática, não se pretende normativa (não tem por finalidade prescrever como se deve dizer), mas se quer descritiva e explicativa (tem por objetivo dizer o que a língua é e por que é assim). Assim como um químico não diz que uma reação é certa ou errada, um biólogo não declara que determinada espécie não deveria existir ou que ela é feia.” (FIORIN, 2013. p. 37).

Com as devidas apresentações do que é a Linguística, Fiorin parte para os cânones fundamentais: os cinco grandes objetos antecipados no prefácio. Começa, em perspectiva histórica, com Ferdinand de Saussure, mestre suíço cuja morte completa 100 anos em 2013; em capítulo recuperado (e atualizado) do livro *Introdução à Linguística*, introduz as noções básicas do estruturalismo, com atenção às quatro dicotomias – a relembrar: língua/fala; significante/significado; sintagma/paradigma; sincronia/diacronia – e à ideia saussuriana de linguagem, e aborda a questão do signo linguístico, com suas classificações e propriedades (lembra ainda das divisões de Adam Schaff e das diferenças entre a comunicação humana e a animal). Sempre com a já elogiada ênfase em clarear as explicações com exemplos simples – é quando aparece o notável arcabouço cultural de Fiorin, que flutua sem problemas entre enunciados jornalísticos e poéticos para se fazer entender e fazer a Linguística compreensível. Com um detalhe: sem submetê-la, da mesma forma, a qualquer reducionismo.

Nos demais capítulos, já com as introduções pavimentadas, os linguistas (Fiorin e seus convidados são da Universidade de São Paulo) abrem o leque: em artigo de Esmeralda Negrão, descreve-se o princípio da competência, base essencial da Gramática Gerativa e inatista do célebre americano Noam Chomsky – que figura como um dos nomes mais importantes da Linguística

desde Saussure. Posteriormente, Ronald Beline aborda a variação, com foco no estudo desenvolvido por William Labov, e desvela os fundamentos básicos da sociolinguística. Em certa altura, Beline corrobora os apelos de Fiorin e mostra como perspectivas diferentes sobre os estudos de linguagem coexistem:

“...concepções diferentes de língua/linguagem levam a construtos teóricos e decisões metodológicas diversas. Uma definição biológica da linguagem humana pode não ser totalmente irreconciliável com uma visão social do uso linguístico (pois ambas parecem fazer “todo sentido”). Cada uma delas, porém, leva a teorias muito diferentes, a programas científicos muito distintos, cujos objetivos e métodos desenham trajetórias que podem sequer se cruzar.” (BELINE, p. 114. In: FIORIN (org.), 2013)

Em artigo sobre a mudança, Evani Viotti (USP) recupera a postura de Fiorin nas primeiras páginas: põe na mesa uma questão e se ocupa em respondê-la. No caso, as razões pelas quais as línguas sofrem alterações. Trata-se de um conceito fundamental nas discussões a respeito do papel do linguista na sociedade – como o autor evidencia no prefácio, já que é a partir da mudança (e das variações) que se configura a existência de distintas formas de expressão (separadas, na gramática normativa, entre o certo e o errado). No capítulo final do livro, Fiorin e Norma Discini (USP) falam brevemente da pragmática, de Austin e Paul Grice, que se debruça sobre os usos linguísticos em distintas situações e objetivos, e finalizam o livro com a introdução às questões do discurso – feito objeto da Linguística, como recuperam os autores, por Benveniste⁴. E apresentam uma vertente de análise do discurso: a semiótica francesa (de Algirdas J. Greimas), que objetiva, sobretudo, o estudo dos sentidos que se podem extrair de quaisquer enunciados (em suportes verbais e não verbais, como a pintura). Autor de vários livros de semiótica, Fiorin explica a ideia de enunciação – “o ato pelo qual o sujeito faz ser o sentido”, segundo Landowski

⁴ Os autores discutem a ideia de discurso com base em BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, vol II, 1974.

(1989)⁵ – e introduz o percurso gerativo de sentido. Assim, fechou-se com eficácia a densa passagem pelos objetos centrais das ciências da linguagem.

Curto, fluido e recheado de exemplos, *Linguística? Que é isso?* age com mais objetividade na atração de olhares para o mundo desconhecido da Linguística que os outros livros sobre o assunto publicados no Brasil recentemente, mas sem nunca perder um ponto importante: a separação entre o conciso e o superficial. Como porta de entrada para um universo científico ainda obscuro para muitos leigos, a nova e democrática obra de Fiorin passa pelos conceitos básicos da língua e pelas grandes correntes científicas da Linguística na atualidade – e dá justíssima medida das maravilhas, dos desafios e dos alicerces da ciência. E, com muita competência, busca ampliar um diálogo que, se feito de forma parcial, dá margem a preconceitos. É o volume perfeito para cursos de introdução à Linguística – para alunos de Letras e de outras áreas – que se submetem ao espaço exíguo de um semestre letivo. Apresenta com sofisticação e simplicidade um ótimo panorama dos estudos de linguagem no século XX e cumpre um papel científico por excelência: sem julgamentos, expande (e muito) o conhecimento do leitor.

Recebido em: 30/08/2013

Aprovado em: 20/12/2013

⁵ LANDOWSKI, Eric. *La société réfléchie*. Paris: Seuil, 1989.